

ESCOLHA PROFISSIONAL: IDENTIFICAR-SE COMO PROFESSOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

PROFESSIONAL CHOICE: IDENTIFYING YOURSELVES AS BIOLOGICAL SCIENCES TEACHER

Fernanda da Rocha Brando ¹
Ana Maria de Andrade Caldeira ²

¹ Faculdade de Ciências/Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência/UNESP, frochabrando@yahoo.com.br

² Faculdade de Ciências/Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência/UNESP, caldeira@netsite.com.br

RESUMO

A presente pesquisa, intitulada “Escolha profissional: identificar-se como professor de Ciências Biológicas” discute a escolha profissional de alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na Unesp – *Campus* Bauru. Por meio de entrevistas semi-estruturadas, levantamos quais foram os anseios desses alunos em relação ao curso que frequentam e qual a identidade que demonstraram para com o mesmo. Para tanto, utilizamos a pesquisa qualitativa, referenciais teóricos sobre identidade e, na análise dos dados coletados, o referencial teórico da semiótica peirceana. Essas análises nos evidenciaram a necessidade de uma avaliação na reestruturação da estrutura curricular do curso em questão, além da criação de espaços de discussão, nos quais esses universitários possam analisar, de maneira crítica, suas concepções acerca do curso, principalmente em relação a atuação docente.

Palavras-chaves: formação inicial, identidade profissional, semiótica.

ABSTRACT

The present research which is entitled “Professional choice: identifying yourselves as Biological Sciences teacher” discuss the Professional choice of Major in Biological Science students at Unesp- at Bauru *campus*. The desires relating to the course taken by these students, as well as which identity they demonstrate to themselves were raised through semi-structured interviews. For that, qualitative research and identity theoretical research were used and Peirce’s theoretical Semiotics reference was also used in the analysis of the collected data. These analyses showed that there is a necessity of an evaluation in the restructure of the curricular content of the course in question. There is also a necessity of creating discussion space, in which university students can analyze in a critical way their conceptions concerning the course, mainly the ones related to teacher’s performance.

Key words: initial formation, professional identity, semiotics.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa discute a escolha profissional de alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na Unesp – *Campus* Bauru. Depois de assistir algumas aulas de Didática no referente curso, percebemos, por meio de depoimentos dos alunos, a presença de um certo desconforto em relação à escolha profissional. A partir dessa percepção inicial, elaboramos essa investigação com o intuito de aprofundarmos na questão.

A escolha por uma profissão acaba ocorrendo num momento muito delicado da vida: a) a idade em que escolhemos “o que queremos fazer” se dá por volta dos 17 a 20 anos, momento no qual ainda temos poucas experiências de vida e pouco conhecemos sobre a práxis da maioria das profissões; b) esse período é a fase final da adolescência, em que mudanças físicas e psicológicas estão ocorrendo de uma maneira muito rápida. Apesar disso, temos que fazer uma escolha e nem sempre sabemos se esta será a melhor.

Para Romero (1997, p. 35) a escolha profissional se dá sob aspectos objetivos e subjetivos, “o indivíduo procura identificar quais as representações sociais relativas à profissão escolhida e procede a uma auto-avaliação, buscando detectar características pessoais condizentes com o perfil profissional esperado”. A mesma autora relata ainda que é importante conhecer como a realidade de uma profissão é introjetada pelo indivíduo e, como interfere na sua escolha e na sua formação profissional.

Silva (1995, p. 31) discute a concepção de identidade e ressalta que esta é “como uma fusão dinâmica de traços que caracterizam, no tempo e no espaço, de maneira inconfundível, uma pessoa, um objeto ou qualquer outra entidade concreta”. Ao longo da existência de uma pessoa são agregados sentimentos, desejos, ações, permitindo que outras pessoas a diferenciem e a reconheçam na sociedade.

A identidade então, assim como afirma Ciampa (1986, p. 64) deve ser vista como verbo, e não como substantivo, pois é “pelo agir, pelo fazer que alguém se torna algo”.

Como a figura do professor está presente precocemente na vida de qualquer cidadão, devemos destacar que o professor é um ser em movimento, que constrói valores, estrutura crenças, têm atitudes e age em razão de um tipo de eixo pessoal que o distingue de outros: sua identidade. Aliada à identidade, estão os anseios, motivações, expectativas, interesses, atitudes e muitos outros fatores que determinam o modo de ser de cada profissional. “A identidade permeia o modo de estar no mundo e no trabalho dos homens em geral” e, se tratando da profissão docente, “afetando suas perspectivas perante sua formação e as suas formas de atuação profissional” (GATTI, 1996, p. 85).

Para melhor compreendermos os determinantes que influenciaram a formação da identidade dos alunos em relação às escolhas profissionais, procuramos adentrar em seus universos de significações.

Dessa maneira, por meio de entrevistas semi-estruturadas, levantamos os anseios desses alunos em relação ao curso que freqüentam e qual a identidade que demonstraram para com o mesmo. Para tanto, utilizamos a pesquisa qualitativa, referenciais teóricos sobre identidade e, na análise dos dados coletados, o referencial teórico da semiótica peirceana. O objetivo dessa investigação foi avaliar quais as concepções profissionais estão sendo engendradas pelos alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas no decorrer de sua formação inicial.

1. A questão da identidade

Ao escrevermos sobre a questão de identidade, referimo-nos ao que concerne ao seu aspecto descrito por Silva (1995, p. 31-32) como:

(...) uma fusão dinâmica de traços que caracterizam, no tempo e no espaço, de maneira inconfundível, uma pessoa, um objeto ou qualquer outra entidade concreta.

Desejos, ações, pensamentos, sentimentos etc. são conjugados ou fundidos ao longo da existência da pessoa, permitindo que outras pessoas a diferenciem e reconheçam-na em sociedade. Assim, identidade, individualidade e singularidade apresentam significados muito próximos cujos matizes são difíceis discernir.

Para Ciampa (1986, p. 72) “é do contexto histórico e social em que o homem vive que decorrem suas determinações e, conseqüentemente, emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de identidade”.

Uma breve descrição histórica sobre a concepção de identidade, retirada da obra intitulada “A identidade cultural na pós-modernidade” de Hall (2003) nos evidencia três concepções muito diferentes de identidade, entre as quais do:

- a) sujeito do Iluminismo;
- b) sujeito sociológico;
- c) sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo, segundo o autor, apresenta uma visão muito “individualista” do sujeito e de sua identidade, uma vez que a concepção de pessoa humana baseava-se num conceito de indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e ação; um indivíduo, no qual o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.

Os grandes processos da vida moderna podiam ser imaginados, mesmo no século XVIII, centrados no indivíduo “sujeito-da-razão”. Mas, um aspecto mais coletivo e social foi tomando forma, à medida que as sociedades se tornavam mais complexas.

Nesse contexto, emergiu um conceito mais social de sujeito, no qual o indivíduo passou a ser visto mais “definido” no interior dessas grandes estruturas e formações sustentadoras da sociedade moderna. Contribuíram para isso dois eventos: a biologia darwiniana, na qual a razão do sujeito humano apresentava bases naturais e a mente do indivíduo um fundamento no desenvolvimento físico do cérebro humano; e o surgimento das novas ciências sociais. (HALL, 2003)

A noção de sujeito sociológico refletia que o núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas sim formado na sua relação com as outras pessoas, que mediavam para este os valores, sentidos e símbolos – a cultura. A partir desse pressuposto, a identidade pode ser vista, ou simplesmente é formada, na interação entre o eu e a sociedade.

Esse pensar, porém, segundo Hall (2003), vem mudando no decorrer do tempo. A concepção de que o sujeito possui uma identidade unificada e estável está perdendo força para uma concepção em que o indivíduo é composto por várias delas, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, o qual não apresenta uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas sim, uma identidade que pode ser formada e transformada continuamente, em relação às formas pelas quais o sujeito é representado, dependendo do contexto cultural ao qual está inserido. O sujeito apresenta uma identidade que é definida historicamente, e assume diferentes identidades em diferentes momentos (HALL, 2003).

Hall (2003, p. 13) nos deixa evidente que:

(...) à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

É no interior dessa realidade complexa que os jovens constroem suas identidades e procuram valorar suas escolhas.

2. Identificar-se como professor de Ciências Biológicas

A escolha profissional implica em optarmos, dentre um rol grande e diversificado de atividades, muitas vezes pouco conhecidas, por uma profissão que, ao menos idealmente, nos contente, nos proporcione um reconhecimento social e condições dignas de sobrevivência.

Romero (1997) relata a importância de conhecer como a realidade de uma profissão é introjetada pelo indivíduo e, como interfere na sua escolha e na sua formação profissional. Para a autora a escolha profissional se dá sob aspectos objetivos e subjetivos, “o indivíduo procura identificar quais as representações sociais relativas à profissão escolhida e procede a uma auto-avaliação, buscando detectar características pessoais condizentes com o perfil profissional esperado” (p. 35).

Para que uma profissão seja reconhecida como tal, a relação entre os saberes e a profissionalização dessa ocupação ganha importante destaque na busca e na manutenção do *status* de profissão. Para Gauthier (1998), baseado nos observadores da área de sociologia das profissões, existem diferenças de grau entre as profissões e as ocupações não-profissionalizantes. De maneira geral e sucinta, o mesmo autor descreve que:

(...) o grau de profissionalização vai crescendo das profissões marginais, passando pelas ocupações que aspiram à profissionalização, depois pelas semiprofissões, das quais faz parte a categoria dos professores, em seguida pelas novas profissões, até às profissões tradicionalmente estabelecidas (p. 66-67).

A profissão é entendida como “uma ocupação que passou por um processo de desenvolvimento que a torna capaz de convencer os outros de que ela adquiriu uma constelação de características geralmente aceitas como sendo as de uma profissão” (Ritzer & Walczar, 1986, p. 61)¹.

O que observamos nas profissões instituídas é que o status profissional está fundamentado, ou seja, as profissões souberam desenvolver, através do tempo, “um corpus de conhecimentos especializados, bem demarcados, científicos e padronizados, transmitidos pela educação profissional e pela prática clínica” (GAUTHIER, 1998, p. 71).

Tratando-se da profissão docente, Gauthier (1998) demonstra sua preocupação em relação ao processo de ensino-aprendizagem em sala de aula destacando que, muitas vezes, o que se encontra no ambiente escolar são ofícios sem saberes e saberes sem ofício. Para o autor, ofício sem saberes são as atividades docentes exercidas sem revelar os saberes pedagógicos específicos que lhes são inerentes, pois mesmo com tantos estudos em torno dessa temática, ainda há dificuldade em definir esses saberes, exigindo para isso uma reflexão sobre si mesmo. Já os saberes sem ofício são aqueles saberes da educação que não levam em conta as condições concretas do exercício do magistério; saberes produzidos sem o ofício capaz de colocá-los em prática. São pertinentes em si mesmo, mas não são reexaminados à luz do contexto real e complexo da sala de aula. Relata ainda que, para o ofício de ensinar, faz-se necessário um reservatório de saberes, contrariando o senso comum que acredita que basta saber o conteúdo, basta ter conhecimento cultural abrangente, basta ter domínio sobre os alunos, entre outras colocações, para que haja uma aprendizagem significativa.

O reservatório de saberes citado pelo autor engloba: Saberes disciplinares (a matéria, o conteúdo específico); Saberes curriculares (o programa); Saberes das Ciências da Educação; Saberes da tradição pedagógica (o uso); Saberes experienciais (toda experiência que o professor adquire ao longo de sua jornada docente, que muitas vezes fica intrínseco a ele); Saberes da ação pedagógica (são os saberes experienciais que o professor consegue externalisá-los para que outros professores possam tê-los como modelos).

¹ GAUTHIER, Clermont et al. (trad. Francisco Pereira). *Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998. p. 67.

Diante do exposto, nos perguntarmos então, sobre a profissionalização do ofício do professor se, somente o conhecimento aprofundado da matéria e uma experiência como educando, são suficiente para saber ensinar? Essa visão reducionista de que a formação disciplinar (saberes não-específicos ao trabalho) dá conta do preparo pedagógico (saberes específicos ao trabalho) dos futuros professores, põem em risco a profissionalização do ofício do professor. Porém, é sabido que todos aqueles que detêm o saber disciplinar podem ter livre acesso ao exercício docente (GAUTHIER, 1998).

Nunes (2003, p. 25) comenta sobre a crise da identidade docente:

(...) está relacionada a evolução do próprio ofício, que foi impingindo a separação entre o eu pessoal e o eu profissional. Alimentada pelo processo científico, essa separação encarnou-se nas instituições e teve papel relevante na intensificação do controle sobre os professores e no esvaziamento do sentido do seu trabalho.

Pereira (1999) faz considerações no âmbito da discussão da formação docente. Segundo o autor, vários são os fatores externos ao processo pedagógico que vêm prejudicando a formação inicial. Sobre a escolha profissional docente comenta:

Sabe-se que o desestímulo dos jovens à escolha do magistério como profissão futura e a desmotivação dos professores em exercício para buscar aprimoramento profissional são conseqüências, sobretudo, das más condições de trabalho, dos salários pouco atraentes, da jornada de trabalho excessiva e da inexistência de planos de carreira (p. 111).

A imagem social que os próprios professores apresentam de si mesmo são bastante contraditórios. Se por um lado exaltam a gratificação expostas pelos pais e crianças, por outro apontam: o descaso das políticas sociais para com a educação; a falta de respeito e interesse dos alunos; a falta de comprometimento dos pais ou da família com a educação dos filhos; os baixos salários; a desvalorização sentida pela arbitrariedade com que inovações e reformas educativas são impingidas a eles e ao sistema; e o sentimento de valorização/desvalorização pela comunidade de entorno da escola em que trabalham (GATTI, 1996).

Considerando a identidade como construída e não dada, respaldada pela memória tanto individual quanto social, temos que o indivíduo só é nas suas relações sociais, portanto:

(...) compreender os professores implica vê-los nas suas relações sociais, constitutivas de seu ser. Portanto, percebê-los no seu vivido como pessoas inseridas num contexto familiar e comunitário, num contexto de classe, num segmento de cultura, no seu trabalho e nas formas institucionais que definem e delimitam esse trabalho (...), mas implica também o lidar com o movimento social de construção em que esses conceitos se consolidam e se modificam (GATTI, 1996, p. 88).

É na vivência dessas contradições e implicações sociais, políticas, culturais e econômicas que o professor constrói a sua identidade profissional, e da mesma forma os estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Assim, procuramos investigar quais os interpretamos gerados pelos mesmos em relação à profissão docente.

3. O referencial da Semiótica Peirceana

Podemos entender a semiótica como uma ciência que tem por objetivo de investigação todas as linguagens possíveis, estuda os signos e suas conseqüentes produções de significação e de sentido.

O estudo semiótico utilizado nesta pesquisa está baseado na teoria semiótica desenvolvida pelo cientista, matemático, lógico e filósofo norte americano Charles Sanders Peirce (1839-1914).

A semiótica é uma das disciplinas que compõem a ampla arquitetura filosófica de Peirce, a qual se encontra alicerçada pela fenomenologia, uma quase-ciência que tem por objetivo investigar os modos como aprendemos qualquer coisa que se apresente à nossa mente, como por exemplo, a imagem de uma paisagem, o cheiro de uma flor, a formação de nuvens no

céu, a lembrança de algo vivido, até algo mais complexo como um conceito abstrato (SANTAELLA, 2002, p. 02).

Fenômeno é uma palavra derivada do grego *Phaneron* e significa qualquer coisa que de algum modo e em qualquer sentido aparece à percepção e à mente.

Os estudos desenvolvidos por Peirce levaram-no a conclusão que todos os fenômenos ou qualquer experiência que se apresentam à percepção e à mente, isto é, tudo que aparece à consciência, ocorre numa gradação de três propriedades, denominadas por ele, num primeiro momento, de: Qualidade; Relação/Reação; Representação/Mediação. Essa terminologia foi substituída mais tarde por Primeiridade, Secundidade e Terceiridade (SANTAELLA, 1983).

Para Peirce “primeiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a outra coisa qualquer” (CP 8.328).

Entendemos assim que a primeiridade é como um primeiro olhar sobre algo, um sentimento sem reflexão, o que está na consciência em um simples momento, uma primeira apreensão das coisas sem estabelecimento de relações, um primeiro contato com as coisas, de uma forma imprecisa e indeterminada.

Secundidade está relacionada à idéia de ação e reação, dualidade.

Terceiridade diz respeito à generalidade, corresponde à camada da inteligibilidade, ou seja, pensamentos em signos, por meio do qual representamos e interpretamos o mundo (SANTAELLA, 1983).

Sendo assim, “o signo é um primeiro (algo que se apresenta à mente), ligando um segundo (aquilo que o signo indica, se refere ou representa) a um terceiro (o efeito que o signo irá provocar em um possível intérprete)” (SANTAELLA, 2002, p. 07).

Podemos entender o signo como sendo qualquer coisa de qualquer espécie que representa uma outra coisa, o objeto do signo, produzindo um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, chamado de interpretante do signo. Cabe lembrar também que o que define signo ou representamen, objeto e interpretante é a posição lógica que cada um desses elementos ocupa no processo representativo (SANTAELLA, 2002).

A interpretação de um signo é um processo dinâmico na mente de um receptor. O termo utilizado por Peirce para definir esse processo de “ação do signo” foi semiose.

O signo só funciona como tal se carregar consigo o poder de representar algo, de substituir uma outra coisa, seu objeto. Portanto, o signo não é o objeto, mas apenas representa-o, está em seu lugar. Sendo assim, só pode representá-lo de um certo modo e numa certa capacidade (SANTAELLA, 1983).

É na mente de um intérprete que o signo pode representar seu objeto, ou seja, é na mente desse intérprete que ocorre a representação, o que denominamos interpretante. Interpretante é o efeito interpretativo produzido em uma mente real ou potencial.

Na análise dos dados obtidos por essa pesquisa, utilizamos a teoria da interpretação de Peirce, que se refere ao signo em relação ao interpretante.

De acordo com um dos princípios da divisão do interpretante e o mais conhecido, baseado na fenomenologia ou na teoria das categorias, o interpretante está dividido em duas séries. A primeira série é constituída triadicamente por: interpretante imediato, dinâmico e final. A segunda série é formada pelos interpretantes emocional, energético e lógico.

O interpretante emocional é o primeiro efeito semiótico produzido pelo signo, efeito este de aspecto qualitativo, diz respeito a uma qualidade de sentimento.

O interpretante energético diz respeito a um ato no qual há algum dispêndio de energia. Essa energia pode ser uma reação muscular em relação ao mundo exterior, pois os objetos físicos que agem sobre nós e sobre os quais agimos, oferecem uma certa resistência às nossas manipulações; ou pode ser esforços interiores, atos de imaginação, pois as fantasias e imagens do nosso mundo interior, mesmo sendo frágil à manipulação e mudança, também oferecem alguma resistência durante um certo período de tempo.

O interpretante lógico foge à natureza do signo, constituindo-se num novo hábito de ação, mas que pode ser expresso por várias linguagens. É o pensamento ou entendimento geral produzido pelo signo.

Para a melhor compreensão do conjunto das relações fenomênicas a ser observado nessa pesquisa fez-se necessário a utilização de uma imagem, que apresentada aos entrevistados, pudesse suscitar em suas respectivas mentes, interpretantes a cerca da profissão escolhida..

METODOLOGIA

O público-alvo escolhido para o desenvolvimento da referida pesquisa foram os alunos de Licenciatura em Ciências Biológicas da UNESP-Campus Bauru. No decorrer do estágio de docência, realizado junto à disciplina de Didática do referido curso, nos pareceu que os alunos apresentavam dúvidas sobre o que realmente esperavam do curso oferecido e como o mesmo poderia atender às suas expectativas profissionais. Assim, pensamos em adentrar a esse conjunto de significações, procurando perceber quais os interpretantes que os alunos engendram sobre o curso e quais eram suas aspirações para futuras atuações profissionais.

Tendo como objetivo investigar, no interior do universo dos alunos que freqüentam o curso em questão, quais foram os possíveis interpretantes gerados no decorrer de sua formação que se concretizaram na escolha profissional e, auxiliados por uma imagem, buscamos entrevistar esses alunos.

Foram feitas entrevistas com onze alunos, entre os quais seis alunos que freqüentavam o sexto termo da Estrutura Curricular-Diurno do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e cinco deles que freqüentavam o quarto termo da Estrutura Curricular-Noturno do mesmo. Durante algumas aulas da disciplina de Didática, os alunos foram convidados a participar da entrevista que, gravada e posteriormente transcrita, seria utilizada para análise de nossa pesquisa.

A fim de estimular e motivar os sujeitos para a entrevista utilizamos imagens das diferentes atuações do Biólogo, servindo como ponto de partida da mesma. Essa seria uma provocação ao aluno para entrarmos em um contato maior com o tema abordado: a escolha profissional. A idéia da utilização de imagens foi muito interessante, pois a partir das imagens utilizadas muitas interpretações e informações poderiam ser evocadas.

Na tentativa de explicitar, de maneira estereotipada, as relações do biólogo com as principais atuações profissionais e seu contexto, representamos esse profissional de três maneiras: um biólogo atuando em ambiente natural, um biólogo atuando em laboratório e um biólogo atuando como professor.

A imagem do biólogo em ambiente natural foi elaborada com a finalidade de promover ao observador uma visão do profissional que atua em pesquisa de campo. Por isso, o personagem está em uma mata, com roupa apropriada ao local, observando, com auxílio de lupa, uma flor.

Para representar a atuação de um biólogo em laboratório, representamos o personagem vestido de jaleco, fazendo análise no microscópio sobre uma bancada. Sobre esta também encontramos objetos como vidrarias de laboratório, livros de pesquisa, computador para registro de dados, e até um rato em uma gaiola para observações.

Mesmo sabendo que a docência não se restringe apenas à sala de aula, a imagem que representa o biólogo atuando como professor, aparece em uma sala do tipo convencional. Nossa intenção era que o observador identificasse esse personagem sem que houvesse muitas outras formas de interpretação, embora isso tenha realmente ocorrido, como será exposto mais à frente. O professor aparece de jaleco, com alguns livros embaixo do braço, tendo como recursos de materiais didáticos uma lousa e um retroprojeter.

As imagens foram apresentadas em uma seqüência de apresentação específica das imagens. Elas estavam dispostas em um círculo (pictograma) e foram apresentadas uma a uma aos entrevistados, com o auxílio de um suporte que tampava as outras duas que não estavam sendo utilizadas. A primeira a ser mostrada era a imagem do biólogo em ambiente natural,

seguido dos comentários dos entrevistados. Posteriormente, a do biólogo em laboratório e a do biólogo atuando como professor, seguindo cada uma de seus comentários e observações dos alunos entrevistados.

As questões gerais previstas para as entrevistas, realizadas individualmente, aluno e pesquisadora, seguiram uma estrutura elaborada em roteiro prévio.

Após a transcrição das entrevistas procedemos com as análises de conteúdos das mesmas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O principal foco da nossa pesquisa foi o de realizar uma investigação sobre a profissão docente na área de Ciências Biológicas.

Grande parte dos alunos reconheceu a imagem representada como sendo a de um professor. Ressaltaram algumas características presentes na imagem apresentada, o que acabou personificando o indivíduo presente na mesma.

Foram feitas críticas em relação ao professor à respeito de sua atuação em sala de aula, referindo-se tanto aos seus professores na universidade, quanto aos professores da rede pública, os quais os alunos vinham observando em aulas de estágio de prática de ensino. Assim, relataram a existência de professores mal preparados, o que prejudicaria a aprendizagem de conceitos corretos e atualizados, além da existência de professores que não se empenhavam em suas atividades didáticas, justificando dessa forma, a falta de interesse dos estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na área de ensino e, conseqüentemente, o interesse nessa área de pesquisa. A representação mental que demonstravam ter daquele professor era de uma figura que não gostariam de ser como futuros profissionais.

Outros alunos caracterizaram a profissão docente como uma realização profissional. Expressaram que gostariam de desempenhar esse tipo de trabalho e atribuíram ao professor a função de “transmitir conhecimentos”, no sentido de construção do conhecimento. Atribuíram aos seminários desenvolvidos nas aulas de graduação o caráter de capacitação para prática didática.

Foi possível verificar nas falas de alguns alunos que fizeram opção pela licenciatura que, estes entraram no curso com a intenção de ser professor, mas não deixaram de evidenciar o gosto pelo desenvolvimento da pesquisa. Essa opção também demonstra o desconhecimento dos alunos da possibilidade de desenvolvimento de pesquisa sobre o ensino.

Os alunos que escolheram a imagem do biólogo atuando como professor, justificaram-se alegando que: gostam de estar rodeados por pessoas, de conhecer pessoas diferentes; gostam de se comunicar, explicar algo para o outro; e mais, escolheram a licenciatura porque, por meio do magistério, podem “ajudar o próximo”, denotando dessa forma um sentimento relacionado a sua vivência emocional.

Como atrativo pela escolha em cursar licenciatura, encontramos evidências nas falas de alunos se referindo à docência como sendo uma possibilidade de primeiro emprego logo após se formarem, pois para os mesmos, o magistério se apresenta como uma forma rápida de ganhar dinheiro ao término do curso.

Os interpretantes gerados a partir das suas afirmações, evocando emoções, enfrentamentos e vivências podem ser entendidos respectivamente como interpretantes emocional, energético e lógico.

Assim podemos inferir que os alunos, em sua maioria, geraram interpretantes no nível de emoções e sentimentos quando se referiram a imagem do professor, o que nos denota uma presença marcante de interpretantes emocionais em relação à essa atuação do biólogo. O sentimento de gostar e de volição estão muito presentes e evidentes em suas falas. Alguns exemplos:

“(...) Para mim eu adoro, porque eu faço monitoria e quando eu vejo que alguém entendeu o que eu expliquei fico super feliz.(...)”

“Eu gosto muito de comunicação, eu adoro falar. Então eu gosto de explicar e eu gosto de me ver rodeado de pessoas interessadas no que eu estou falando, justamente o que eu falei (na primeiro questão). Eu gosto disso e isso eu acho interessante(...)”

“Por que eu gosto muito de pessoas, gosto muito de falar, gosto de educar. Eu acho que eu tenho uma certa facilidade para trabalhar com pessoas, me comunicar. E eu gosto do assunto, gosto de ler, saber mais sobre alguma coisa que me interessa(...)”

Podemos perceber que mesmo aqueles alunos que pretendem trabalhar com pesquisas básicas em Biologia em suas futuras atuações profissionais, quando se referiram ao magistério, evidenciaram sentimentos em relação à profissão docente que estão fortemente ligados a concepção de cuidado e ajuda ao próximo. Como Gauthier (1998) relata, para o ofício de professor não basta somente saber o conteúdo, ter conhecimento cultural abrangente, ter domínio sobre os alunos entre outras colocações do senso comum. Diante da análise dos interpretantes emocionais evidenciados, acrescentamos que: não basta gostar de se comunicar, ter vontade de “transmitir” conhecimentos, gostar de estar em contato com as pessoas e querer ajudar o próximo. Não podemos perder de vista o “reservatório de saberes” deste ofício, citado pelo autor no primeiro capítulo.

Em nível de interpretante energético, quando os alunos estabeleceram relações entre suas vivências pessoais e experiências adquiridas no ambiente acadêmico, encontramos aqueles que, apesar de não apresentarem afinidade com a atividade docente, desenvolveriam-na conciliando a mesma com outros tipos de atividades como, por exemplo, pesquisa em laboratórios ou em ambiente natural. Como exemplo, a fala abaixo de um aluno expôs claramente isso:

“Sendo professor universitário, eu vou poder trabalhar com pesquisa. Porque eu não quero só dar aula, eu quero pesquisar. Eu quero conciliar a educação, o ato de educar, de trabalhar com educação e também trabalhando com pesquisa (...)”

Nesse sentido, quando os alunos se referiram à escolha por um curso em licenciatura, deixaram evidente que esta tinha sido realizada com a intenção de ampliar sua atuação como profissional, uma vez que sendo diplomados bacharéis não poderiam desempenhar a função docente. Nas falas verificamos essas evidências:

“(...) antes eu achava que só o bacharelado podia fazer pesquisa, então eu fui atrás de um curso de bacharelado. Só que depois eu fiquei sabendo que não tem nada a ver, eu podia fazer licenciatura e fazer pesquisa, então eu acabei fazendo licenciatura. E também achei a vantagem de você poder dar aula depois, se precisar durante sua vida. Porque o bacharel não pode”

“(...) Eu fiz licenciatura porque me falaram que, não que ele era melhor, mas que ele era mais abrangente do que o bacharelado. Com a licenciatura você tem as mesmas funções que um bacharel e ainda por cima você pode dar aula, você está licenciado para isso (...)”

“(...)Eu já tinha uma idéia de licenciatura e bacharelado já antes, e eu sabia que fazendo licenciatura eu também poderia fazer pesquisa como um bacharel faz. Só que eu sendo bacharel não poderia ficar dando aula em ensino público, por exemplo(...)”

Outros alunos evidenciaram em suas falas a possibilidade de atuarem na atividade docente caso fosse necessário e, neste sentido, conotando a palavra “necessário” a idéia de ajuda financeira, seja como uma atividade complementar, ou como um primeiro emprego quando saírem da faculdade. Haquette (1991) problematiza essa questão analisando que aceitamos alguma atividade como “bico” quando não conseguimos um emprego melhor que nos garanta condições financeiras adequadas. Lembra que o “bico” geralmente não oferece satisfação pessoal e é considerada uma atividade transitória, que pode ser abandonada em qualquer momento quando nos for oferecido outra oportunidade melhor de trabalho. Abaixo encontramos sistematizamos algumas falas evidenciando o exposto:

“(...)Eu acho que assim, no começo ninguém gosta. Ninguém pensa que vai fazer alguma coisa na área de educação. Ninguém entra no curso pensando isso (...). Só que no fim das contas, todo mundo, mesmo quem não gosta, acaba gostando, porque a gente trabalha muito com isso, a gente acaba pegando gosto pela coisa. No final a gente sabe que quando a gente sair daqui a gente vai precisar de um emprego e, geralmente, o primeiro emprego que a gente consegue é em escola mesmo, dar aula. Então a gente tem que se empenhar bastante neste sentido”.

“Eu acho que eu vou, pelo menos no começo, saindo da faculdade, não vai dar para gente seguir direto na área de pesquisa como todo mundo gostaria, nosso curso é de licenciatura, então eu acho que todo mundo vai passar por isso. Eu gosto dessa idéia de ser professora. Eu sei que tem gente que entra e fala: ‘Ai, eu faço licenciatura, mas eu não vou ser professor de jeito nenhum’. Acho que é mentira, todo mundo vai ter que passar por isso alguma época, mas, eu gosto (...)”.

Houve aqueles, porém que não demonstraram ter afinidade com a docência. Relataram nunca ter pensado estar em sala ministrando aulas. Além disso, apontaram fatores como timidez, vergonha, medo em se expor diante das pessoas, sendo obstáculos para seguir a carreira docente. Algumas falas:

“Eu nunca pensei eu dentro de uma sala dando aula. Mesmo aqui dentro da faculdade, a gente é um curso de licenciatura e a gente vive tão pouco de educação que ainda eu não parei para pensar nisso. Mas eu prefiro a pesquisa por afinidade mesmo. Eu me encontrei dentro da faculdade nessa área, o que eu gosto de fazer agora e o que eu quero continuar (...)”.

“E dar aula acho que é porque eu não tenho jeito para isso (...). E não é o que eu gosto, eu não consigo passar o conhecimento, não consigo. Eu posso saber, mas não consigo passar para as outras pessoas que não sabem. Até explicar na sala para um colega meu, não consigo. Eu às vezes sei bastante, mas não consigo passar para os outros”.

As idéias gerais formuladas pelos alunos em relação à profissão docente, entendidas como interpretantes lógicos, nos revelou uma visão reducionista sobre os saberes inerentes a atividade docente, principalmente os saberes das Ciências da Educação e os Saberes da ação pedagógica, explanados por Gauthier e citados anteriormente. O que pudemos analisar foi que os alunos limitaram-se apenas às críticas: em relação às disciplinas e aos conteúdos das mesmas; à importância de estágios realizados em práticas de ensino e aos seminários, como elementos importantes na formação docente; aos professores e suas formas de atuação em sala de aula. Esse reducionismo pode ter ocorrido pelo fato de que, no momento da pesquisa, os alunos ainda se encontravam no quinto termo (semestre) da estrutura curricular do referido curso, e as disciplinas que abordariam essas temáticas referentes ao ensino, estão mais concentradas nos termos finais do mesmo. Algumas falas evidenciam as expectativas dos alunos:

“Por exemplo, aqui você vai aprender genética, você vai aprender tudo da genética, mas se você for passar para uma criança, um adolescente de quinze anos, você não vai explicar detalhadamente, você vai ter que explicar só o básico. Aí esse básico não é passado assim: como você deve dar aula, o que você deve passar para o seu aluno. Eles só ensinam tudo, aí você tem que ver o que você deve passar. Acho que falta isso de prepara melhor o professor”.

“Olha da formação docente tinha tudo para ser bom, mas não é. (...) você chega já com uma impressão de que aula de educação é um saco. E as pessoas acabam não dando tanta importância. Eu mesmo nunca gostei muito da parte humana (ciências humanas), de ficar discutindo essas coisas (...).

Durante a entrevista, quando indagados sobre a escolha por um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, muitos se remeteram à afinidade por disciplinas ou por professores da área biológica que fizeram parte de suas formações durante o ensino fundamental e médio, citando-os como forte influenciadores por essa escolha profissional. Assim, entendemos que os interpretantes lógicos gerados a partir dessa concepção estão fortemente amparados na

concepção de que o fazer das Ciências Naturais despertam maior interesse nas pessoas por carregarem consigo o caráter de busca, descoberta e produção de novos conhecimentos.

“Eu escolhi e Biologia, não escolhi a licenciatura. Por que eu sempre gostei de Biologia, o que ajudou bastante foi os professores que eu tive no colegial, que eles sempre foram muito legais, sempre deram chance para a gente querer aprender mais. Eu tinha aula de laboratório também, aula prática”.

“Porque eu sempre quero entender como as coisas funcionam. Tenho muito essa curiosidade assim. Eu busco muito o desconhecido. A vida inteira eu gostei da área da saúde e gostei muito de Biologia. Eu amava. Meus professores eu ficava no pé deles, porque eu queria entender, eu adorava, sempre gostei”.

A imagem do biólogo atuando como professor foi escolhida por uma minoria dos alunos. Transcrevemos a seguir uma fala evidenciando o interpretante lógico gerado a partir do questionamento feito durante a entrevista sobre qual das imagens melhor representaria a profissão que tinham escolhido:

“Como professor. Apesar de eu gostar um pouco de pesquisa, mas eu entrei na faculdade com intenção de ser professor mesmo. Não escolhi licenciatura por ser o curso que era menos concorrido, ou menos vaga, não. Escolhi licenciatura e vim para cá só porque não deu certo na UNICAMP, mas a minha busca é ser professor mesmo. Espero que dê certo”.

Pensamos que os interpretantes (emocional, energético, lógico) que pudemos perceber por meio das falas dos referidos alunos, representam aqueles que os mesmos engendraram em função das experiências vivenciadas até o momento da entrevista. O próprio ato de entrevistar pode ter suscitado-os à novas interpretações, assim como ao término do curso. O processo semiótico de geração de signos-pensamentos é contínuo e ininterrupto e, certamente atualizado por uma mente que experencia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as análises realizadas na referida pesquisa, considerando que apontamentos pertinentes foram realizados no decorrer das mesmas, e aqui sistematizamos as concepções iniciais dos alunos referente ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na Unesp – Campus Bauru.

Pudemos averiguar que a opção por frequentar um curso de licenciatura, muitas vezes, não se trata de uma decisão convicta dos alunos, uma vez que parte deles relatou gostar e querer desenvolver, somente e se possível, atividades de pesquisa, seja em laboratório ou em ambiente natural. Outros, porém, relataram que gostariam de conciliar atividades de pesquisa com a docência, sendo que ambas sejam desenvolvidas no ensino superior, depois de concluírem uma pós-graduação. Os alunos entendem que é função do profissional que desempenha atividade docente em ensino superior realizá-la juntamente com atividade de pesquisa.

Sabem distinguir diferenças entre as modalidades bacharelado e licenciatura, e mesmo sabendo que gostariam de aprofundar seus estudos na área de pesquisa (bacharel), optaram pelo curso de licenciatura devido a maior abrangência do mesmo, que oferece mais oportunidades de atuação no mercado de trabalho quando comparado ao bacharelado. Neste sentido, averiguamos a existência daqueles que encaram a profissão docente como “bico”, que somente desenvolveriam essa atividade caso fosse necessário uma ajuda no orçamento ou se não tivessem outra oportunidade de emprego na área em que gostariam de atuar, como por exemplo, no desenvolvimento de pesquisas.

Encontramos evidências em algumas falas realçando o engajamento dos alunos em pesquisas laboratoriais na própria universidade logo no início do curso, e que desta forma, acabaram se identificando com esse tipo de atividade deixando de priorizar a licenciatura como profissão. Assim inferimos que, a estrutura curricular do referido curso favorece esse tipo de engajamento, visto que as disciplinas de conteúdos aplicados ao ensino são oferecidas aos alunos

efetivamente nos últimos termos da estrutura curricular. Talvez fosse pertinente uma reorganização na disposição dessas disciplinas, ou até mesmo, a inserção de outras que focalizassem a construção de conteúdos mais sólidos em educação.

O curso não oferece um momento de reflexão sobre a docência, na qual os alunos possam se questionar sobre uma possível opção entre as modalidades licenciatura ou bacharelado. Este momento de reflexão faz-se necessário, mesmo tendo em vista que o curso em questão trata-se apenas de licenciatura. Acrescentamos que o projeto pedagógico e o perfil do formando desta instituição, pouco enfatizam a profissão docente.

Observamos que alguns alunos relataram não ter sido a Biologia uma primeira opção para o vestibular durante a escolha por um curso de formação profissional, o que nos parece ser natural, levando-se em conta que quando a fazem, encontram-se em fase da vida na qual mudanças físicas e psicológicas estão ocorrendo de uma maneira muito rápida, acrescentado a isso, o pouco conhecimento sobre a práxis da maioria das profissões. Talvez, no momento em que a pesquisa foi realizada, as experiências vivenciadas no ambiente acadêmico, assim como todas as outras que envolvem o universo dos estudantes universitários, já tenha lhes proporcionado uma outra visão de mundo, o que poderia auxiliá-los numa reavaliação desse processo de escolha.

REFERÊNCIAS

- CIAMPA, A. Identidade. In: LANE, S. CODO, W. (org). **Psicología social: o homem em movimento**. 4 ed., São Paulo: Brasiliense, 1986. 220 p.
- GATTI, B. A. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.98, p. 85-90, ago. 1996.
- GAUTHIER, C. et al (trad. Francisco Pereira). **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998. 480 p.
- HAGUETTE, A. Educação: bico, vocação ou profissão? **Educação & Sociedade**, (38): 109-121, ano XII, abr, 1991.
- HALL, S. (trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro). **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 102 p.
- NUNES, C. Memórias e práticas na construção docente. In: SELLES, S. E. FERREIRA, M. S. **Formação docente em Ciências: memórias e práticas**. Niterói: Eduff, 2003. 175 p.
- PEIRCE, C. S. *Collectec Papers of Charles S. Peirce*. V 1-6. Harstone and P. Weiss. Cambridge M.A. – The Belknap Press of Harvard University, 1974.
- PEREIRA, J. E. D. As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente. **Educ. Soc.**, dez. 1999, vol.20, no.68, p.109-125.
- ROMERO, D. M. F. Tornar-se professor: reflexões sobre a construção da identidade profissional do professor do curso de magistério. **Interações: estudos e pesquisas em Psicologia**. São Paulo, vol. 2, n. 3, p. 35-46, jan-jul. 1997.
- SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.186 p.
- _____. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 85 p.
- SILVA, E. T. **Professores de 1º grau: identidade em jogo**. Campinas: Papyrus, 1995. 131 p.